

"Downshifting", ou arte de priorizar o que importa, começa a sensibilizar os executivos. Será que você seria capaz de abrir mão de parte de seu salário e de seu status profissional por uma melhor qualidade de vida? Alguns executivos optaram pelo downshifting, a tendência norte-americana de trabalhar menos para ter uma vida melhor. Viagens, reuniões, fins de semana de trabalho, celular sempre ativo... E enquanto isso, seu casamento está em crise, não tem tempo de visitar os amigos, atrasa-se para a peça teatral da escola do filho - uma história que soa familiar para muita gente.

A verdade é que se muitos assumem esse tipo de vida, outros são capazes de sacrificar uma carreira de sucesso e a conseqüente perda salarial, em troca de um estilo de vida melhor. Essa prática é conhecida como downshifting, que surgiu há cerca de uma década nos Estados Unidos e cuja tradução literal do inglês é mudar para menos.

No Brasil, a prática também ocorre. Segundo Grace Pedreira, da Grace&Co., especializada na seleção de executivos, o fenômeno é comum em duas faixas etárias. "Antes dos 35 ou depois dos 45 anos", comenta. Os mais jovens o fazem, principalmente por terem menos responsabilidades relacionadas à família. "Os dez anos entre os 35 e 45 são o período em que o executivo tem mais chance de crescer na carreira e de ganhar dinheiro."

Quando mais velhos, é a família também que os motiva a trabalhar menos, mesmo tendo que sacrificar seus rendimentos. "Há muitos executivos cansados da vida corporativa, que consome muitas horas de seu dia", afirma Mariá Giuliese, diretora executiva da Lens & Minarelli, especializada em recolocação profissional. "Eles também têm a expectativa de atuar no terceiro setor, em projetos sociais e comunitários", complementa.

Patrícia Epperlein, diretora-geral da Mariaca, especializada na seleção e recolocação, conta que em uma busca recente para uma posição em uma ONG, muitos profissionais bem qualificados dispuseram-se a ganhar menos pela oportunidade de atuar em um projeto social. "Essa situação é comum", lembra.

Mariá ressalta, no entanto, que os profissionais dispostos a ganhar menos para trabalhar menos ou para sentirem-se mais realizados com a sua atividade, sofrem, muitas vezes, com a recusa do mercado em contratá-lo por um salário menor. "As organizações temem que esse executivo saia assim que receba uma proposta financeiramente melhor."

Na Espanha, o diretor geral da filial espanhola da consultora Mercer HR Consulting é adepto. Há 17 anos Jordi Pomarol manifestou à Mercer seu interesse em reestruturar sua carreira para poder equilibrar sua vida profissional e pessoal, por meio de novos objetivos. Uma justificativa que parece viável e que combina com o modo de ser de Pomarol que decidiu tirar um ano de férias para viajar para a Índia.

Joe Domínguez, ex-corretor norte-americano, que com a atriz Vicki Robin publicou em 1996 o livro *A Bolsa ou a vida - um manual para viver bem renunciando a um cargo executivo*, enfatiza durante a apresentação de sua obra que de cada cem norte-americanos, 28 aceitaram o downshifting, mudando de emprego, trabalhando menos horas ou se dedicando mais ao lar.

O fenômeno começa a se difundir na Espanha, e os motivos para uma pessoa enfrentar essas mudanças variam. Existem mulheres que preferem dedicar tempo à família, em vez de se esgotar no mundo profissional. Há também executivos que, pressionados pelo estresse, encontram outras prioridades na vida. E há os profissionais próximos à aposentadoria, que optam por passar seus últimos anos de carreira de um modo mais tranquilo.

Este último é o caso de Eva Levy, com carreira em grande parte construída na área de consultoria. Há pouco mais de um ano, quando ocupava o cargo de diretora de Marketing e Comunicação na Atos Origin, uma série de revesses na vida pessoal a fizeram reformular sua carreira. Foi dada à Eva a oportunidade de estruturar a Câmara de Comércio Hispano-Israelita. "Pôr em marcha um projeto não é o mesmo que trabalhar com o respaldo de uma multinacional consolidada", observa Eva.

Mas embora já não ganhe o mesmo, está muito contente. "Desfruto mais da vida. Antes não tinha tempo nem de gastar o dinheiro que ganhava."

Os primeiros casos de downshifting na Espanha ocorreram há quase cinco anos. É difícil saber o que está acontecendo no século 21 que não tenha ocorrido no 20 para os executivos resolverem tomar essa decisão. Para Juan Carlos Cubeiro, diretor geral da empresa de consultoria de RH Eurotalent, "trata-se apenas de uma mudança de prioridades. Antes, os executivos achavam normal passar pouco tempo em casa".

José Medina, diretor da empresa de caça-talentos Ray & Berndtson, sempre comenta que os jovens de hoje não se motivam apenas pelo dinheiro. Buscam um trabalho que lhes dê qualidade de vida. "Aquele que não encontra isso na empresa onde trabalha, tem três opções; adaptar-se, mudar de emprego ou aderir ao downshifting", afirma.

Idoia Aguado, diretora do centro da moveleira sueca Ikea em Bilbao, diz que mudou para uma empresa onde valorizam a vida pessoal. Pela Mark & Spencer, Idoia trabalhou em Madri, Barcelona, Portugal e Bilbao, ocupando diferentes cargos de responsabilidade nas áreas comercial e de RH da empresa inglesa. "Descobri que estava muito mais interessada em meu filho que no trabalho." Optou então por se dedicar ao lar nos primeiros anos de vida da criança e em janeiro de 2004 surgiu a oportunidade.